

LM-LWS

PROJECT LIQUID MEMORIES

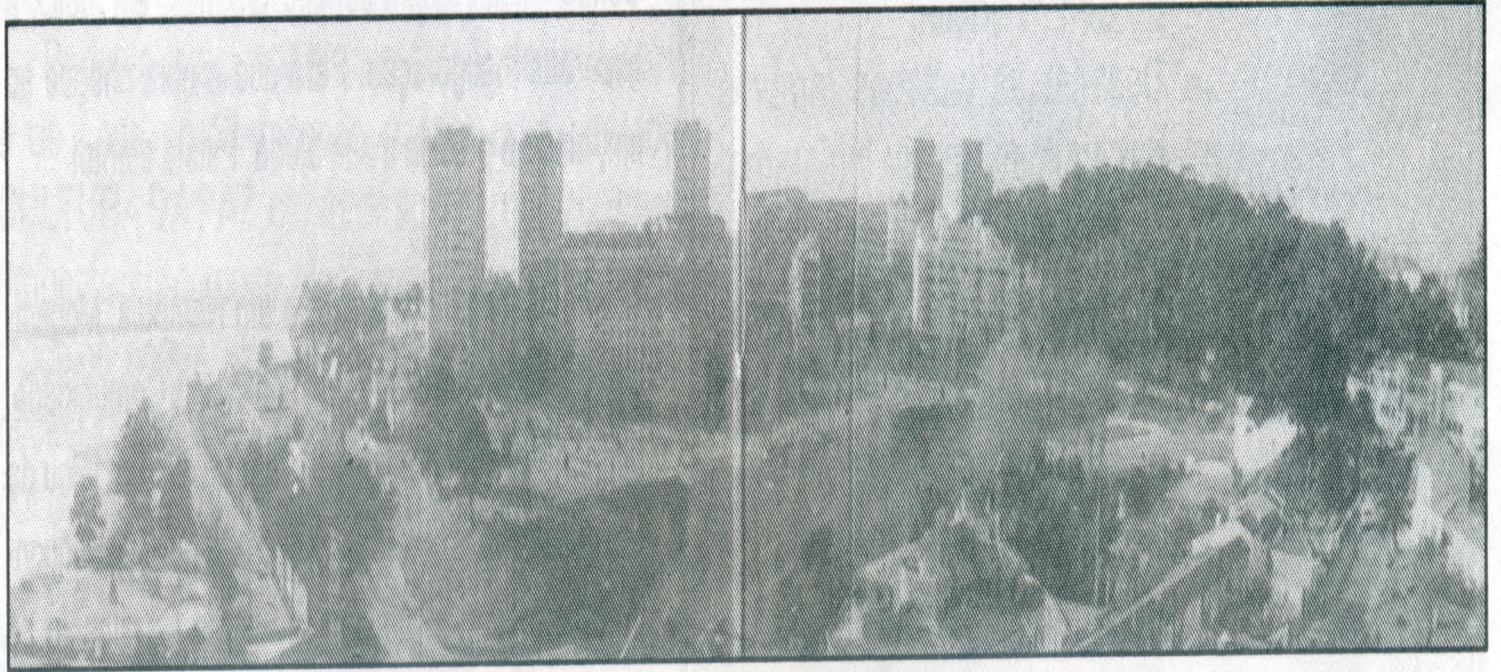
liquid workshop

Arquivo do

Periódico ENCONTRO

> publicado pela
Paróquia de Nossa
Senhora da Ajuda





Tempo e Comunidade: O nexu perdido

Helder Pacheco*

Para quem, há anos (pela década de quarenta ainda era assim), viesse do Ouro, da Manutenção e dos estaleiros, naquilo a que chamavam Pasteleira havia, não mais que isso, pinhal. Pinhal densíssimo, extenso e sussurante nas tardes ventosas. A fronteira nascente de tal éden era a ribeira da Granja, que corria a céu aberto, levava água límpida, fazia mover — que me lembre — a azenha da fábrica do sabão e o moinho junto da ponte de pedra da Rua de Grijó. Para poente, o éden quedava-se nas primeiras casas da Rua da Quinta, e, para norte, atingia os agros de Serralves e o alto camiliano do Pasteleiro. Tirando a Flecha dos Mortos, a meio caminho entre Lordelo e a Foz, o farol das 3 orelhas e a casa de lavrador, com capela, tão falada pelo mestre-escritor, tudo era pinheiral entrecortado, aqui e ali, por veredas e caminhos onde fozeiros e raros portuenses da Baixa se cruzavam, em passeios e piqueniques na floresta. E, no alto da Calçada que principiava na esquina da casa dos Cálens, estava a capelinha, solitária e ajeitada, da Senhora da Ajuda. Fora de Lordelo, pouca gente a conhecia. A não ser os que se aventuravam ao descobrimento da encosta verdejante que, há séculos, fronteirava os territórios de Lordelo e do Couto da Foz, ninguém lá passava, de tão lá desamão.

Aquele quase esquecimento da capela era, no entanto, recente. Coisa do primeiro quartel do século XX, quando as romarias portuenses começaram a sofrer do mal do cosmopolitismo que as considerava degenerescências provincianas, e a cidade hiper-valorizou a festividade são joaneira. Em 1758, as Memórias Paroquiais de Lordelo do Ouro referiam a "Capela do Senhor e Senhora da Ajuda (...)"; e ela acode bastante povo nos dias da Ascensão do Senhor, em que se celebra a Festa dele, e no da Natividade da Senhora, em que da mesma Senhora da Ajuda se celebra a Festa (...). A devoção e romaria aos Senhores da Ajuda manteve-se ao longo do século XIX, encontrando-se na imprensa diária referências abundantes à afluência de devotos à festa, vindos do Ouro e de outras zonas da cidade. E, com a expansão dos transportes colectivos - designadamente o carro americano e o eléctrico - a capela da Ajuda afirmar-se-ia dos maiores lugares de peregrinação festiva da área urbana. A título de exemplo, aponto a notícia de "O Comércio do Porto", de 31.5.1870: "No Ouro, onde, como dissemos, se festejava o Senhor da Ajuda, houve arraial que também esteve muito concorrido. Na véspera, à noite, tinha havido iluminação, música e fogo de artifício, tendo esta diversão atraído ali bastante gente".

Não cheguei a conhecer tal manifestação. Nem meus pais — tripeiros informadíssimos — me falaram dela. Sinal inequívoco de que o fervor da tradição se esbateu, sem deixar memória perdurável. Depois, no virar dos meados de século XX, a mata

fascinante acidou-se e foi dando lugar a vias de circulação e urbanização que, impetuosamente, transformariam Lordelo em dormitório periférico, com mais ou menos especulação, mais ou menos habitação dita social, mais ou menos qualidade. Entretanto, a casa Calém foi demolida e permaneceu ruína e lixeira durante decénios (agora transformada em buracão), a ribeira da Granja foi tapada e convertida em cloaca, e os pinheiros, um a um, sumiram, substituídos pelo cimento e, o que é pior, pelas casas de lata. Assim cresceu uma cidade satélite do burgo, ocupando os terrenos do Pasteleiro de Camilo, rebaptizado no feminino e, depois, em Norte e Sul. E, consoante a geografia, próxima ou afastado do rio, a expansão urbana foi desenvolvimento dois, três, quatro bairros. Duas, três, quatro aglomerações, blocos, zoneamentos ou o que quiserem chamar-lhe. Porque, no final de contas, a amontoada de edifícios — ainda que juntos — não pode chamar-se cidade (no sentido profundo de território de cidadãos unidos por laços de solidariedade, convivência, entre-ajuda e proximidade. Unidos, na expressão antiga e bela, **sub sino**. Paroquialmente).

É isso. Trinta anos volvidos, continuo a não encontrar na Pasteleira o significado retido da minha infância na Vitória, de pertencer a um **universo habitado**, de integrar **uma comunidade**. As duas, três ou quatro Pasteleiras, separadas pelo mortífero muro de Berlim que é a Rua de Diogo Botelho, considerada pelos psicopatas motorizados (com a ajuda dos urbanistas) via rápida, e divididas pelas vias ocultas da incomunicação, da solidão e da ausência do mais elementar nexu comunitário, as várias Pasteleiras, dizias, são exemplos de que não chega construir prédios para desenvolver a **cidade**. Quero dizer a cidade **da gente**, humana e convivial.

Pensando bem, a esta cidade falta-lhe o sentimento fraterno da alegria, do diálogo e da retemperança que levava milhares de pessoas à festa da Senhora da Ajuda, no usufruto de um território (social e espiritual) com que todos se identificavam. No **usufruto de uma comunidade**. Mas como isto de romarias, festas populares e actos que desenvolvam as relações de vizinhança são coisas agora consideradas bárbaras e piosas tanto pelos integralistas da fé, como pelos modernos bem-pensantes, o melhor é estar calado, comprar portas blindadas, reforçar fechaduras e consumir solitariamente as dezenas de telenovelas que, em nome do progresso do mundo, as quatro televisões bondosamente nos oferecem para tornar o neo-urbanismo electronicamente habitável.

* Helder Pacheco, natural da freguesia portuense da Vitória, é um conhecido investigador de assuntos ligados às culturas e ao património locais.

